

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: KTR 0004 I

Data: 09.81

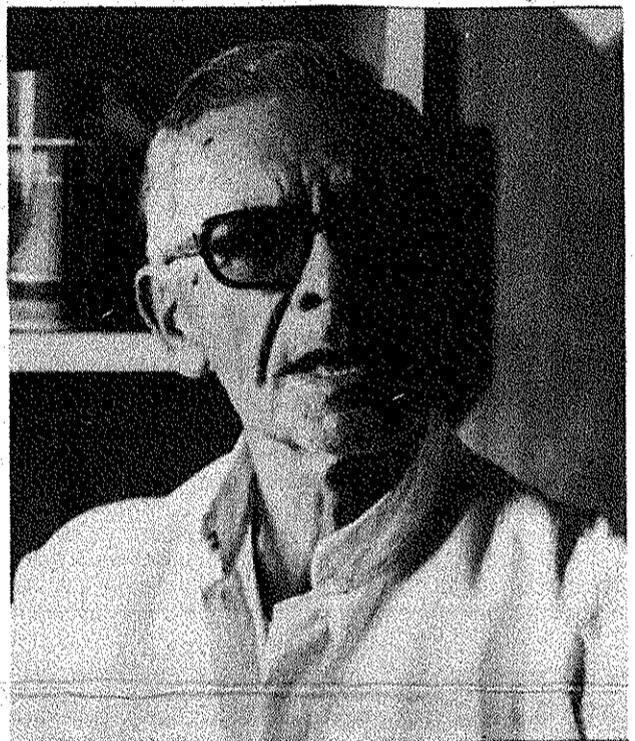
Pg.: \_\_\_\_\_

# Salvar os Karitiana, missão urgente desse velho sacerdote

Disposto a permanecer por uma temporada na área, a fim de "retomar uma caminhada depois das consequências negativas da New Tribes entre os índios", um sacerdote salesiano, de 71 anos, tentará desenvolver um trabalho de valorização da língua, do ritual e de todos os aspectos sócio-culturais do povo Karitiana, em Rondônia. Esse grupo ainda sobrevive, a 42 quilômetros à esquerda do km 50 da rodovia BR-364, trecho Porto Velho - Guajará Mirim.

"São 85, e parecem fortes e sadios. Vivem da produção de feijão e do artesanato. A caça ali, é abundante" - conta o Pe. Mário Fioravanti, da Ordem Comboniana, que acompanhou o velho padre numa visita à aldeia, no final de julho último.

O que faria o Pe. Ângelo Spadari, já cansado pelos 30 anos de vivência no Território, a optar por uma luta dessa natureza? - Para quem o conheceu na direção do Colégio Dom Bosco, em Porto Velho, onde notabilizou-se como professor de Física, Química e História, passando mais tarde a atuar no município de Vilhena - entre o Território e o Estado de Mato Grosso -, esse gesto tem um grande significado. De um lado, é a população indígena em total estado de descaracterização, de outro, o sacerdote que, apesar de um longo tempo de atividades, mostra-se cada vez mais sensível ao processo de transformação de Rondônia. Uma transformação que vem colocar o que esse salesiano sempre pensou de sua Igreja: "Ela deve ficar sempre ao lado do índio e contra os invasores que lhe roubaram a terra".



Pe. Ângelo: de volta aos índios que ajudou a contactar (Foto Arquivo).

### RECONHECIDO

Quando chegou aos Karitiana, cujo grupo ajudou a contactar, às margens do Rio das Garças, há várias décadas, ele emocionou-se, segundo revela o Pe. Mário Fioravanti. É que, naquele pedaço de chão, nos confins do município de Porto Velho, rumo à fronteira boliviana, Ângelo Spadari avistou-se com famílias antigas de índios, pelas quais foi reconhecido. Quase todas morando em casas de barro cobertas de palha, elas relataram ao padre a sua situação, suplicando-lhe ajuda.

Sensibilizado, o velho protetor dos Karitiana ouviu que a estrada está ruim (e pôde constatar, viajando por ela); a Funai chega de avião, comodamente, quando visita os índios; e a Fazenda Itaipu começa a causar medo a todos, pela proximidade da aldeia. Na volta a Porto Velho, os dois padres encontraram um trator da Funai carregando sacas de feijão, atolado num buraco da estrada de acesso.

Com o casal Ricardo e Leica (ela enfermeira), responsáveis pelo Posto Indígena da Funai e já experientes no trabalho indígena, desde quando trabalharam em Mato Grosso, Spadari constatou que, aos poucos o grupo vem perdendo suas tradições e costumes. Em parte, talvez, isso se deva ao período em que ali estiveram os missionários David e Rachel, da organização New Tribes. Pelo que observou o Pe. Mário Fioravanti, colaborador do CIMI em Rondônia, "o casal esteve mais preocupado com a Bíblia, que com as raízes culturais, dos Karitiana; assim, só legaram aos índios os seus ensinamentos".

### "É PRECISO AMÁ-LOS"

Entre os velhos habitantes do Km 50, corre a notícia da "integração" ou dos "critérios de indianização" preconizados recentemente pela Funai, o que para eles traduz "o jeito do governo acabar com a gente, de tomar a terra da gente, de desunir a gente e acabar com o nosso saber".

Há, entre os Karitiana, alguns índios eleitores, conforme levantamento efetuado em 1976 pelo ex-sertanista Osni Silveira, hoje funcionário da Companhia de Desenvolvimento de Rondônia (Codaron), mas que ainda possui muitos laços

com os líderes daquele grupo. Isso, certamente obrigará o padre Ângelo a redobrar a vigilância, no sentido de não só ampará-los etnicamente, mas afastá-los das promessas eleitoreiras dos políticos, conforme já se verificou nos pleitos de 76 (municipal) e 78 (para a escolha de deputados federais).

Primeiro pesquisador do minério de cassiterita em Rondônia, no início da década de 50, contemporâneo dos pioneiros que abriram a Cuiabá-Porto Velho (BR-364), no governo Kubitschek, e testemunha ocular dos inúmeros casos de trabalho escravo na região do Roosevelti, (pois trabalhou em Vilhena a quase 800 quilômetros de Porto Velho), o sacerdote volta a uma aldeia para desmistificar certos aspectos negativos para o índio.

Foi graças à excursão que realizou em julho, que pôde ouvir algumas confidências de um grupo dominado pela incerteza. De um lado os Karitiana gostam dos chefes do Posto, obedecem à Funai, mas não escondem seu medo quanto à garantia de seu território futuramente. Afinal, o 23º Estado brasileiro está chegando aí, e com ele, a eterna ganância dos latifundiários, já manifestada ao longo da BR-364, principalmente entre Porto Velho e Vilhena.

Os conceitos de que "o índio está ficando civilizado; o índio visita muito a cidade", teriam uma análise acurada e longa por parte desse salesiano dedicado, cuja filosofia é muito bem sintetizada nas suas palavras ao Comboniano Pe. Mário Fioravanti: "Não se deve preocupar apenas com a sobrevivência dos Karitiana, dando-lhes gêneros alimentícios ou máquinas, enquanto o patrimônio cultural de todo o grupo é abandonado. Para o pessoal desenvolver um trabalho de recuperação dos costumes, nesse sentido é preciso conhecê-los profundamente, e sobretudo, amá-los".

Os Karitiana têm condições de voltar a falar fluentemente a sua língua, de acordo com os dois padres que os visitaram. E, ao que tudo indica, aprovada a ida do Pe. Ângelo à área, concretiza-se um velho sonho dos que outrora conheceram suas tradições: o de apagar os erros de sertanistas, funcionários e intrusos, que só aproveitaram da bondade dos homens simples que os lideram, deixando uma grave marca na sua história.